



CONHECENDO OS FÁRMACOS ANTIPSICÓTICOS E SUAS AÇÕES NO CORPO HUMANO: UMA REVISÃO NARRATIVA

Darlange da Silva Pinheiro¹, Liviane Izidorio da Silva², Lygia Alves Pinheiro³, Paloma Alves da Silva⁴, Priscilla Mercia da Nóbrega Barbosa⁵, Raimunda Welma Dutra Pereira⁶, Victoria Uchôa Amorim⁷, Vitória Emile Lins de Andrade⁸, Joedna Cavalcante Pereira⁹

Resumo: Os antipsicóticos são considerados uma classe de fármacos utilizados para o tratamento de doenças como a esquizofrenia, eles possuem ação psicotrópica e sua utilização causa alguns efeitos indesejáveis, sendo possível considerar os psicomotores. Embora haja mitos na sociedade, esses medicamentos não são capazes de causar dependência, porém seus efeitos colaterais podem diminuir a adesão ao tratamento. Deste modo, o presente estudo tem como finalidade discutir e analisar os mecanismos de ação dos antipsicóticos, com isso, a pesquisa tem como pergunta norteadora: Quais os principais efeitos dos antipsicóticos? Quais os seus mecanismos de ação? Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral identificar os que a literatura científica relata sobre os mecanismos de ação dos medicamentos supracitados.

Palavras-chave: Antipsicóticos. Mecanismos de ação. Psicose.

1. Introdução

Os antipsicóticos são considerados uma classe de fármacos utilizados para o tratamento de doenças como a esquizofrenia, eles possuem ação psicotrópica, entre os seus efeitos é possível considerar os psicomotores. Embora haja mitos na sociedade, esses medicamentos não são capazes de causar dependência, no entanto, eles podem causar efeitos colaterais. Desse modo, essa categoria de fármacos foi incluída na clínica em meados de 1950, atualmente são divididos em dois grupos, sendo os Antipsicóticos Típicos e os Antipsicóticos Atípicos (SOARES *et al.*, 2020).

1 Universidade Regional do Cariri, email: darlangepinheiro@hotmail.com

2 Universidade Regional do Cariri, email: liviane.izidorio@urca.br

3 Universidade Regional do Cariri, email: lygiaalves21@hotmail.com

4 Universidade Regional do Cariri, email: evillypaloma123@gmail.com

5 Universidade Regional do Cariri, email: prinobrega1@hotmail.com

6 Universidade Regional do Cariri, email: welma.dutra2021@urca.br

7 Universidade Regional do Cariri, email: victoria.ucho6@gmail.com

8 Universidade Regional do Cariri, email: vitoriaemille.lins@urca.br

9 Universidade Regional do Cariri, email: joedna.pereira@urca.br

VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



Desta maneira, os fármacos antipsicóticos são eficazes na redução ou eliminação dos sintomas psicóticos. Eles são considerados mais eficazes no tratamento de alucinações, delírios, confusão e até mesmo em casos de agressividade. No entanto, após a resolução imediata dos sintomas, dependendo da causa da psicose, os pacientes podem precisar continuar tomando medicação antipsicótica para moderar a possibilidade de episódios futuros, em casos assim, podem ser prescritos os antipsicóticos de ação prolongada (LIMA *et al.*, 2017).

No contexto atual, é possível inferir a importância de a comunidade acadêmica investir em pesquisas como essa com o intuito de possibilitar maiores informações de forma embasada para os profissionais e futuros profissionais da área. Sendo assim, o presente estudo tem como finalidade discutir e analisar os mecanismos de ação dos antipsicóticos, com isso, a pesquisa tem como pergunta norteadora: Quais os principais efeitos dos antipsicóticos? Quais os mecanismos de ação?

2. Objetivo

O objetivo do presente artigo foi descrever o que a literatura científica evidencia sobre a fisiopatologia e farmacologia dos antipsicóticos.

3. Metodologia

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa, com abordagem qualitativa, por meio de análise de artigos científicos disponíveis nas bases de dados LILACS (literatura latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e BVS (Biblioteca Virtual em saúde). Os artigos de revisão de natureza narrativa são publicações de caráter amplo, que visa a descrição e discussão do desenvolvimento do que se está em análise, abordando com uma holística teórica e contextual dos assuntos (ROTHER, 2007). Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender fenômenos em termo dos significados que as pessoas a eles conferem.

Utilizou-se os descritores na busca: “Antipsicóticos”, “Tratamento farmacológico”, “Fisiopatologia”. A estratégia de busca combinou termos utilizando os operadores booleanos “AND” e “OR”, filtros de pesquisa que abrangessem os tipos de estudos pretendidos, assim como os termos de interesse primário da pesquisa.

Foram utilizados como critérios de inclusão os artigos nacionais, com publicação em português. Sem recorte temporal de artigos publicados em decorrência da baixa disponibilidade de artigos. Como critérios de exclusão optou-se por excluir artigos incompletos, que contemplassem a temática como segunda análise e não abordassem a farmacologia acerca da patologia.



4. Resultados

Os medicamentos antipsicóticos são projetados para tratar uma condição psiquiátrica grave conhecida como psicose. A psicose é caracterizada pela distorção dos pensamentos, momento no qual pessoa perde o contato com a realidade, muitas vezes manifestando-se com alucinações, delírios ou pensamento desorganizado. Essa condição é tratada há tempos, primeiramente por uma classe de fármacos conhecida como antipsicóticos típicos, desenvolvidos na década de 1950, porém causava efeitos colaterais que se assemelham ao Parkinson. São também chamados de neurolépticos, por causarem retardo psicomotor, tranquilização emocional e indiferença afetiva (em outras palavras, pioram os sintomas negativos) (GOLAN, 2009).

Eles são atualmente agrupados em duas categorias: “Antipsicóticos Típicos” ou “Antipsicóticos Atípicos”, onde esse último apresenta grandes benefícios com relação aos típicos (primeira geração), porém seu uso não se isenta de riscos. O uso crônico de antipsicóticos, mesmo os atípicos, é preocupante por causar efeitos como: ganho de peso, diabetes mellitus, dislipidemias, e potencial risco de doenças cardiovasculares (REYNOLDS; KIRK, 2010).

De acordo com a farmacodinâmica, os antipsicóticos agem antagonizando a dopamina, impedindo a ação dessa catecolamina no cérebro. Na psicose, essa liberação de dopamina se encontra de forma exacerbada, portanto, o uso desses medicamentos bloqueia a via de sinalização da dopamina (MOREIRA; GUIMARÃES, 2007). Os de segunda geração (atípicos) possuem uma afinidade maior pelo receptor 5HT₂ da serotonina e acredita-se que isso provoque menos efeitos colaterais em comparação com os de primeira geração (típicos) (BERMEJO; RODICIO, 2007).

A hiperatividade dopaminérgica mesolímbica seria responsável pelos sintomas positivos da esquizofrenia, como ideias delirantes e alucinações. Já a hipoatividade mesocortical seria responsável pelos sintomas negativos, como embotamento afetivo, pobreza de discurso e hipobulia (TEIXEIRA; ROCHA, 2006).

4.1 Antipsicóticos típicos

Podem ser divididos em antipsicóticos de alta potência, podendo citar os fármacos: haloperidol, trifluoperazina e flufenazina. Apesar de apresentar alta potência os seus efeitos são menos sedativos e mais “deliriolítico”, pois possuem grande afinidade pelos receptores D₂ ocupando-os quase totalmente (MIYAMOTO, 2005). Possuem uma alta capacidade de causar efeitos extrapiramidais, afetando a capacidade motora, podendo causar diversos sintomas, como tremores, espasmos, rigidez muscular. Esses sintomas podem se tornar permanentes, mesmo com a interrupção do tratamento. (MOREIRA; GUIMARÃES, 2007).

Os que são classificados como baixa potência são: clorpromazina, levomepromazina, tioridazina. Possuindo um efeito mais sedativo e que precisa de doses maiores para efeito antipsicótico. Por necessitar dessas maiores



concentrações podem ativar outras vias, como a colinérgica e histamínica (BERMEJO; RODICIO, 2007).

4.2 Antipsicóticos atípicos

O aspecto comum aos antipsicóticos considerados atípicos é a capacidade de promover a ação antipsicótica em doses que não produzam, de modo significativo, sintomas extrapiramidais (OLIVEIRA, 2000). Esses fármacos atuam bloqueando também o receptor 5HT2 da serotonina. A afinidade pelos receptores D2 seria necessária para o efeito antipsicótico, mas uma afinidade maior pelo receptor 5HT2 conferiria a um antipsicótico o caráter de atípico, proporcionando menos efeitos colaterais (ANDRADE, 2015).

Dentre os fármacos mais utilizados, pode-se citar a Clozapina, um antipsicótico atípico de referência. foi testada clinicamente na década de 60, na Europa. A opção preferida para esquizofrenia resistente ao tratamento, a clozapina pode diminuir o comportamento suicida. Os efeitos colaterais graves podem incluir agranulocitose (uma queda perigosa nos glóbulos brancos) e miocardite aguda (inflamação do coração) (OLIVEIRA, 2000).

Um outro medicamento bastante utilizado na clínica para tratar esquizofrenia e transtorno bipolar é a Olanzapina. Dentre seus efeitos colaterais, pode-se citar o ganho de peso significativo, bem como níveis elevados de açúcar no sangue (aumentando o risco de resistência à insulina e diabetes). Entretanto, esse medicamento tem uma menor taxa de efeitos extrapiramidais do que a maioria dos outros antipsicóticos atípicos (ELKIS *et al*, 2008).

O fármaco Quetiapina, pode ser usado para tratar esquizofrenia, transtorno bipolar e outros transtornos de humor. Sendo frequentemente prescrita para tratar a insônia, pois possui potente efeito sedativo. Quando comparado aos demais antipsicóticos, apresenta menor incidência de efeitos colaterais motores, mas pode causar ganho de peso e hipotensão postural (BERMEJO; RODICIO, 2007).

Existem mais de 40 fármacos antipsicóticos diferentes, com diferentes efeitos adversos. Para uma prescrição ideal o médico precisa ter conhecimento da psicofarmacologia e sobre como esses fármacos atuam no sistema nervoso central (SNC) visando a melhor conduta para o paciente com os menores riscos.

5. Conclusão

A presente revisão abordou um assunto de suma importância para a sociedade, tendo em vista a necessidade de pesquisas que foquem em medicamentos e suas ações. Desse modo, evidencia-se a relevância dos antipsicóticos no tratamento de doenças com quadro de psicose, o que caracteriza quadros compostos de perda da realidade e outros sintomas.

Assim sendo, mediante o estudo realizado, os principais mecanismos de ação dos antipsicóticos é a ação dopaminérgica, onde os medicamentos usados no tratamento de doenças relacionadas à esquizofrenia, por exemplo, a maioria deles são antagonistas dos receptores D2 da dopamina.



Por fim, os antipsicóticos atípicos podem contribuir para a melhor qualidade de vida. Entretanto, os convencionais permanecem como primeira escolha quando se consideram estritamente questões relativas ao custo do tratamento. Esse último aspecto ainda prevalece em nosso meio.

6. Referências

- ANDRADE, R. F. Antipsicóticos de segunda geração no tratamento da esquizofrenia. **Rev Acad Oswaldo Cruz**, v. 7, p. 1-14, 2015.
- BERMEJO, J. C.; RODICIO, S. G. Antipsicóticos típicos. Antipsicóticos atípicos. **FMC-Formación Médica Continuada en Atención Primaria**, v. 14, n. 10, p. 637-647, 2007.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. p. 15-41, 2006.
- ELKIS, H. et al. Consenso Brasileiro sobre antipsicóticos de segunda geração e distúrbios metabólicos. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 30, p. 77-85, 2008.
- GOLAN D. E; TASHJIAN, Jr. A. H; ARMSTRONG E. J. **Princípios de Farmacologia: a base fisiopatologia da farmacoterapia**. 2. ed. São Paulo: Guanabara Koogan, 2009.
- LIMA, T. M. et al. Perfil epidemiológico de pacientes com esquizofrenia em uso de antipsicóticos de ação prolongada. **Revista Contexto & Saúde**, v. 17, n. 33, p. 3-16, 2017.
- MOREIRA, F. A.; GUIMARÃES, F. S. Mecanismos de ação dos antipsicóticos: hipóteses dopaminérgicas. **Medicina (Ribeirão Preto)**, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 63-71, 2007
- OLIVEIRA, I. R. Antipsicóticos atípicos: farmacologia e uso clínico. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 22, p. 38-40, 2000.
- REYNOLDS, G. P.; KIRK, S. L. Metabolic side effects of antipsychotic drug treatment—pharmacological mechanisms. **Pharmacology & therapeutics**, v. 125, n. 1, p. 169-179, 2010.
- ROTHER, E. Revisão sistemática x revisão narrativa (2007). **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, 2017.
- SOARES, W. H. A. et al. Perfil dos usuários que utilizam antipsicóticos atípicos em um serviço de saúde mental de Ouro Preto-Minas Gerais. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 5, p. 13728-13739, 2020.
- TEIXEIRA, P. J. R.; ROCHA, F. L. Efeitos adversos metabólicos de antipsicóticos e estabilizadores de humor. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 28, p. 186-196, 2006.